18 de Outubro. Publica-se em Fortaleza o *Jornal Pequeno*. Redactor Dr Luiz Santos.

21 de Outubro. Fallece em Fortaleza a Tabellião Joaquim Feijó de Mello, nascido na fazenda Bamburral, municipio de Escada, Pernambuco, a 11 de Fevereiro de 1837.

15 de Novembro Funda-se em Fortaleza uma filial da Cruz Vermelha Brazileira.

1 de Dezembro. Inauguração da Estação de Lavras, Estrada de Ferro de Baturité, no kil. 488,003.

6 de Dezembro. Fallece em Fortaleza a Irmã Clemencia Thereza Gagné, natural de Dijon, superiora ha 35 annos do Collegio da Immaculada Conceição. Tinha 80 annos de idade e 60 de communidade. Era a 2.ª Superiora que teve esse notavel estabelecimento de instrucção e educação.

19 de Dezembro. Grande festival no Majestic Palace em favor da Cruz Vermelha Ingleza.

Em 1917 foram inhumados no Cemiterio S. João Baptista de Fortaleza 1.798 cadaveres, sendo 857 adultos e 941 parvulos.

---

# O nome Maranhão

Na interessante sessão intitulada *A Lingua Portugueza* de collaboração do *Jornal do Commercio* do erudito lexicographo portuguez, Candido de Figueiredo, vem, em 19 de Fevereiro de 1908, uma gentil resposta á pergunta que lhe dirigi a proposito a uma hypothese, que aventurei relativa á origem do nome *Maranhão*, num escripto de collaboração no «Livro do Tricentenario do Ceará».

Neste escripto, intitulado «A Costa do Nordeste

do Brasil na Cartographia antiga», tratei incidentemente deste nome apresentando certos factos relativos a seu primeiro apparecimento na cartographia brasileira e apresentando a referida hypothese para os explicar.

Estes factos, supplementados por alguns outros que não foram alli mencionados, que teem de ser tomados em consideração em qualquer discussão relativa ao nome, são os seguintes:

1.º O nome na fórma hespanhola de *Marañon* apparece primeiro na historia escripta na segunda edição das Decadas de Pedro Martyr de Angleria, publicada em 1516; não sendo mencionado na primeira edição de 1511, na qual as informações relativas a esta parte da costa foram fornecidas pelo proprio Vicente Pinzon, o primeiro europeu que por alli passou; não sendo tambem citado na acta de concessão a Pinzon das terras por elle descobertas em que veem mencionados diversos nomes, que evidentemente eram fornecidos por elle como caracteristicos das mesmas terras.

O seu apparecimento na edição de 1516 vem logo em seguida ao famoso processo de Diego Columbo, em 1513, que indubitavelmente forneceu muitos dados a Pedro Martyr para a redacção das suas decadas. Neste processo dous companheiros de Diego de Lepe, o segundo navegante desta costa, empregaram o nome, porém de um modo que deixa em duvida se este se originou com a expedição de Lepe em 1500 ou com alguma posterior. Infelizmente o documento que devia ser decisivo sobre este ponto, o famoso mappa de Juan de La Cosa, que dá a nomenclatura das expedições de Pinzon e Lepe, está roto na parte correspondente a este trecho da costa.

2.º Tendo desapparecido diversos mappas hespanhóes, cuja existencia a historia escripta registra, que succederam ao de Juan de La Cosa, o primeiro apparecimento do nome *Maranhão* na cartographia hespanhola é nos mappas de 1527 e 1529, onde é

applicado á foz meridional do Amazonas, estabelecendo assim o uso hespanhol do termo, que persistio por muito tempo e introduzio enorme confusão na cartographia americana. No primeiro destes mappas a graphia é *Maranhom*, sendo o *h* suggestivo de uma adaptação á lingua portugueza; no segundo é *Marañon*, que se tornou corrente na cartographia e litteratura hespanhola.

No segundo destes mappas o hydrographo real da Hespanha, Diogo Ribeiro, declarou expressamente que depois de duas viagens, nos primeiros tempos, não se voltou mais a esta costa. Esta declaração significa que até 1529 não se conhecia officialmente na Hespanha viagens ao longo da costa nordéste do Brasil posteriores á de Pinzon e Lepe.

3. Entretanto neste mesmo interim, de 1500 a 1529, appareceram diversos mappas italianos (Freducci 1514? Maiollo, 1519 e 1527, e o denominado mappa de Turim, 1523?) que representam este trecho da costa com configuração e nomenclatura que indicam outras fontes de informação; e os dous primeiros trazem o nome *Maranhão* (*Maranon*, no mappa de Freducci, *Marañon*, no primeiro mappa de Maiollo e *Maranon* no segundo) empregado segundo o uso portuguez, isto é, applicado ao golpho que ainda hoje o conserva. Este facto indica que a costa tinha sido corrida, por outros navegantes depois de Pinzon e Lepe e estes navegantes eram presumivelmente portuguezes.

4.º A historia escripta tem conservado o nome de um destes navegantes (Estevão Froes) e a data, 1513, da sua viagem, com referencias a dous antecessores, ambos de nacionalidade portugueza. O nome «Cabo Corso» dado no mappa de Maiollo de 1519 coincide com o de dous companheiros de Estevão Froes (Francisco e Pero Corso) e presumivelmente indica que o cartographo registrou informações obtidas directa ou indirectamente desta expedição de 1513. A differença na configuração e nomenclatura entre os mappas de Freducci e Maiollo indica, presumivel-

mente, que o primeiro obteve a sua informação de outra fonte.

5.º Nos mappas confeccionados antes de qualquer tentativa de posse effectiva os nomes são applicados a *cabos, bahias, rios* e outras feições topographicas e veem precedidos por estes termos escriptos por extenso ou abreviados. As poucas excepções a esta regra são termos descriptivos, como *El Farallon* que apparece em alguns mappas hespanhóes, que geralmente vem precedido pelo artigo, mas ás vezes sem elle.

Entre as excepções figura o nome aqui discutido que nos primeiros mappas, anteriores a 1530, vem sem qualificativo algum (*Maranon*, Freducci, 1514; *Maralion*, Maiollo, 1519; *Maranon*, 1527; *Maranhon*, mappa official hespanhol de 1527; *Maranhom*, Diego Ribeiro, 1529); e depois desta data com o artigo *o* (*Ho Maranha*, mappa Ricardiano cerca de 1523, *O Maranham*, Diogo Homem, 1558, André Homem, 1559, Bartholomeu Velho, 1561; *O Maranhon*, Vaz Dourado, 1568), bem que outros cartographos (*Maranhã*, Gaspar Viegas, 1534; *Marañon*, Alonzo de Chaves, 1536; *Maragnon*, Sebastião Cabotto, 1544; *Marignan*, Pierre Desceliers, 1550; *Maranhão*, Lazaro Luiz, 1563) dispensavam o artigo. Sómente os Hespanhóes Alonzo de Santa Cruz, 1542 (*R. Marañon*) e Diego Gutierrez, 1562 (*Rio de Marañon*, mas *Maranõn* no de 1550) accrescentaram o qualificativo «rio». E' digno de nota que no primeiro apparecimento do nome num mappa hespanhol (o de 1527) a terminação *hom* parece *mais portugueza do que hespanhola* Este modo de escrever é muito suggestivo de um termo topographico descriptivo como os que se veem tão frequentemente na nomenclatura geographica hespanhola e portugueza, como, por exemplo, o *El Farallon*, já citado, *O Porto*, *A Bahia*, etc.

Resulta desta historia que o nome appareceu demasiado cêdo para que lhe possa ser attribuida uma origem indigena (corruptella de *Paraná*, que tem

sido frequentemente lembrada). Os primeiros navegantes, permanecendo algumas horas ou dias em cada localidade, só podiam communicar-se livremente com os indios, ao ponto de colher e perpetuar termos de sua nomenclatura geographica, depois de ter levado alguns captivos comsigo, ou de ter deixado, propositalmente ou por causa de naufragios ou deserções alguns brancos entre os indigenas.

Assim os primeiros nomes inquestionavelmente indigenas (Paracura e Camamora, communicados por Pinzon a Pedro Martyr) applicados ao territorio brasileiro só apparecem depois de uma segunda viagem. O segundo exemplo—Pernambuco—data de um mappa de 1518 (?) e os que em seguida vieram em grande cópia só começaram a apparecer depois das expedições de Sebastião Cabotto em 1526 e de Martim Affonso de Souza em 1531. E' para notar que os nomes indigenas da costa nordéste colhidos por esta ultima expedição se achem localizados na vizinhança (até cabo S. Roque) de Pernambuco, onde havia uma feitoria, e em redor do golpho de Maranhão, onde Estevão Fróes encontrou, em 1513, um certo Pero Gallego domiciliado entre os indios.

A forte presumpção acima indicada de que o primeiro emprego do nome foi feito por Portuguezes e não Hespanhóes torna tambem extremamente problematica a hypothese, que tambem tem sido aventada, que elle perpetua o nome de uma familia existente na Hespanha hypothese, aliás, pouco provavel, por ser contraria ao uso dos navegantes daquella época, que limitavam as suas nomenclaturas quasi exclusivamente ao calendario ou a termos descriptivos.

Afastadas assim as duas hypotheses mais plausiveis que teem sido apresentadas para explicar o nome, procurei no referido escripto chegar á outra, que estaria livre destas objecções e em accordo com o apparente uso da palavra como termo topographico.

O termo *Marachão* (represa natural ou artificial formada de areias, cascalho, etc.) pareceu-me muito

applicavel a esse trecho da costa e devido á semelhança em *som* suggeri que esta palavra podia ter sido transformada em *Maranhão* entre gente inculta, como eram presumivelmente os primeiros navegantes portuguezes que percorreram esta costa. Em apparente confirmação desta hypothese encontrei no diccionario de Moraes uma referencia ao «Elogio de D. João III», por A. Castilho, em que *Maranhões* apparece no sentido de *Marachões*. E' verdade que o lexicographo attribue isto a um erro de composição do livro, mas achei possivel que o erro fosse da parte do lexicographo e que o autor talvez houvesse empregado propositalmente a fórma impugnada.

São estes os precedentes da questão que o illustre Candido de Figueiredo discute, opinando que normalmente não se daria nas linguas romanicas a transformação de *ch* em *nh* e que, portanto, *Maranhão* nenhum parentesco tem com *Marachão*. Esta valiosa opinião, porém, que se refere á lingua culta não exclue a hypothese que entre o povo menos culto, de algum districto ou aldea de Portugal, não houvesse anormalmente esta transformação e que fosse perpetuada na costa do Brasil por algum navegante natural desse districto, tendo desapparecido de Portugal, sem ter entrado na lingua culta, a não ser que o seu apparecimento no escripto de Castilho seja proposital e não devido a um lapso de composição e revisão, como julga o lexicographo Moraes.

Uma comparação das tres edições deste escripto existentes na Bibliotheca Nacional mostra que a fórma «*Maranhões*» vem nas duas edições de 1650 e 1740 das *Noticias de Portugal* por Manoél Severim de Faria: e «*Marachões*» na segunda edição, 1791, dos «Panegyricos» de João de Barros que se diz ser «fielmente impressos conforme a sua antiga orthographia —anno 1533». Sendo de presumir que o Elogio foi copiado por Severim de Faria desta mesma edição de 1533 dos Panegyricos de João de Barros, parece que effectivamente houve erro de composição que es-

capou á revisão da primeira, como da segunda edição das *Noticias de Portugal.*

Regeitando a hypothese da derivação de *Maranhão* de *Marachão*, o Sr. Candido de Figueiredo discute duas outras. A primeira da derivação de *Maranhão* significando grande *mentira, patranha, boato falso* é criteriosamente posta ao lado por lhe parecer duvidoso que a palavra com esta significação fosse corrente na época da descoberta. A este argumento podemos accrescentar que a hypothese envolve um certo lapso de tempo em que as noticias dadas pelos navegantes fossem discutidas por estranhos incredulos, ao passo que a historia escripta acima citada o dá como corrente entre gente maritima (o pessoal da expedição de Lepe), pouco inclinada á incredualidade, logo em seguida á sua primeira applicação á costa

A segunda hypothese, originaria com o illustre philologo de Lisbôa, merece séria consideração por preencher o requisito de um termo descriptivo que podia, com muita propriedade, ter sido applicado topographicamente.

*Maranhão*, augmentativo de *maranha* (*matagal, cousa enredada, teia de lã já tecida*) seria applicavel ao local em questão, e o facto de ser commum ás duas linguas explicaria a sua prompta e facil explicação por Hespanhóes e Portuguezes E' perfeitamente plausivel presumir que os navegantes que primeiro empregaram o nome depois de percorrer o grande trecho monotono e esteril da costa que se estende desde Pernambuco até á borda da grande selva amazonica, ficassem impressionados, ao chegar na vizinhança do ponto em questão, com o apparecimento de mattas (o sentido *matagal*, bem que perfeitamente natural, não figura nos diccionarios portuguezes consultados, inclusive o do proprio Candido de Figueiredo, mas sim nos hespanhóes); ou com a navegação emmaranhada que caracteriza o golpho de Maranhão, extremamente recortado e sujeito a enormes oscillações da maré. Traduzindo esta impressão, a applicação do

nome *Maranhão* em qualquer dos dous sentidos acima indicados seria tão natural como seria a de *Marachão* referente aos innumeros baixios, restingas e outras feições da topographia maritima produzidas por altas marés em costa recortada.

Do ponto de vista topographico não ha motivos apparentes para dar preferencia a qualquer uma das tres hypotheses (grande matagal, lugar de navegação emmaranhada, lugar de um grande marachão) sobre as outras; e tanto topographica como historicamente qualquer solução que os philologos entenderem dar será aceitavel por estes lados.

Com relação ao uso popular da palavra *Maranhão* em sentido que parece não ter ainda entrado nos diccionarios convem registrar o que me refere um amigo maranhense. Entre as crianças, de quarenta annos atrás, eram correntes naquella cidade uns versos com o estribilho: «Mil maranhas, mil maranhões». Talvez os folkloristas do Brasil e Portugal possam trazer alguma luz para a solução desta interessante questão do emprego geographico da palavra.

ORVILLE A. DERBY.

---

# Para a historia de Sobral

*(Collecção Alberto Amaral).*

---

## ESCRIPTURA DE DOAÇÃO

Saibam quantos este pulbico instromento de Escriptura de Doação ou Como em direito para Sua Validade melEor nome Lugar aja mais valido Seja, e dizer se posa vriem, que sendo no Ano do Nascimento de Nosso Senhor Jesú cHristo de mil setesentos Sin-